
RETÓRICA E POLÍTICA SEXUAL NA CONQUISTA DA AMÉRICA:
TROPOLOGIAS DO DISCURSO DO GÊNERO

PEDRO CARLOS FONSECA*

RESUMO

O presente estudo examina, através da perspectiva da crítica feminista, aspectos da representação da imagem feminina e do seu processo tropológico de feminilização que, característicos do discurso europeu patriarcal, encontram-se estrategicamente presentes no discurso dos primeiros textos que registram as experiências da descoberta e conquista da América. O estudo pretende ainda evidenciar que, nesse tipo de discurso da representação americana, figurações e a manipulação de uma forjada imagem do outro sexual ameríndio baseiam-se em construções simbólicas e ideológicas que, de forma argumentativa e retórica, visaram à preservação de uma política sexual. Tais formações correspondem ainda a um complexo sociocultural e histórico que objetiva, finalmente, o prevaletimento de prerrogativas filosóficas e pragmáticas de uma hegemonia androcêntrica característica da mentalidade do europeu dominante que, constantes da sua tradição civilizacional, disseminam-se nos tempos modernos.

PALAVRAS-CHAVE: Descobrimto e conquista, discurso do gênero, retórica e política sexual.

A questão do gênero como ponto de reflexão e revisão crítica da regra patriarcal tem sido atualmente reconhecida como “a crucial determinant in the production, circulation, and consumption of literary discourse” [um determinante crucial na produção, circulação e consumo do discurso literário] (RUTHVEN, 1984, p. 9). Avaliações feministas chegaram mesmo a afirmar que o discurso da cultura ocidental é predominantemente “phallogocentric” [falocêntrico] (CUDDON, 1992, p. 341), e que, nas línguas ocidentais, essa autenticação fálica encontra

* Professor Titular de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado em Literatura Colonial Brasileira na Universidade Aberta de Lisboa (1999-2000), com bolsa de investigação científica da CAPES-MEC.

um vigoroso epistema na própria gramática, onde “the masculine form is generic, universal, or unmarked, while the feminine form is marked by a suffix or some other variant” [a forma masculina é genérica, universal, ou não-marcada, enquanto a forma feminina é marcada por um sufixo ou por alguma outra variante] (SHOWALTER, 1989, p. 2). Desse modo, a forma masculina torna-se um protótipo do qual deriva, por transformação, a feminina.

Fundamentado em noções essenciais, de ordem simbólica como essa, o discurso patriarcal dominante veio a identificar e determinar a inscrição das identidades sexuais no terreno social, cultural, histórico e psicológico. A crítica feminista, na tentativa de dismantelar as caprichosas estruturas centralizadoras e hierarquizantes desse discurso masculinista, reconhece o aspecto da construção social e simbólica do gênero, mostrando ser “as impossible for social scientists to avoid dealing with gender in their studies of social differentiation as it is for them to avoid dealing with such things as rank, class, and kingship” [tão impossível, para os cientistas da realidade social, evitar o tratamento do gênero nos seus estudos de diferenciação social quanto é impossível, para eles, evitar o tratamento de certos assuntos como posição, classe e relação social] (SHAPIRO, 1981, p. 112). É nesse sentido que Cora Kaplan (1986, p. 148) comenta que privilegiar “gender in isolation from other forms of social determination offers [...] a partial reading of the role played by sexual difference in literary discourse, a reading bled dry of its most troubling and contradictory meanings” [o gênero isoladamente de outras formas de determinação social oferece [...] uma leitura parcial do papel desempenhado pela diferença sexual no discurso literário, uma leitura escorreita dos seus mais problemáticos e contraditórios sentidos].

Isto porque, em termos de gênero, o discurso patriarcal dominante estrutura as suas oposições binárias num sistema de valores hierárquicos, não simplesmente superpondo o masculino ao feminino, uma vez que, sendo um verdadeiro homologador da cultura, tal discurso não revela as suas hierarquias “as pure binary forms [...] They are always, already, ordered and broken up through other social and cultural terms, other categories of difference, that may include homophobia and/or class, race and age differences” [como formas binárias puras [...] Estas já se apresentam sempre ordenadas e divididas em função de outros termos sociais e culturais, outras categorias de diferença, as quais podem incluir

homofobia e/ou classe, raça e diferenças etárias] (KAPLAN, 1986, p. 148). Dessa forma, torna-se claro que configurar o gênero em termos de mera diferença sexual e sem recorrer a essas outras manifestações de poder hierárquico “obscurece e legitima o modo pelo qual o gênero é imposto por força” [obscurece e legitima o modo pelo qual o gênero é imposto por força] (MACKINNON, 1987, p. 32). Tendo em vista essas reflexões, é de se verificar que a questão do gênero possui toda uma carga valorativa simbólica, social, cultural e politicamente motivada.

No campo da história e da cultura ocidental de origem greco-romana, talvez uma das mais básicas avaliações simbólicas da questão da alteridade como gênero seja aquela que, desde a antiguidade até os dias atuais, topologiza o Oriente como um *locus* excelentemente construído por imagens características da regência do feminino. Estrategicamente ideológica e política, essa mesma visão androcêntrica ocidental informa, por ocasião das descobertas modernas ultramarinas, a representação das terras e das gentes do Novo Mundo. Dessa forma, e segundo a disposição hegemônica dessa visão masculinista, a natureza e a sedução simbólica do gênero atribuído à realidade física e humana mundonovistas deviam ser controladas e consumidas por meio da construção de um imaginário formado por imagens da sensualidade e da sexualidade, num misto de prazer, pragmatismo e promocionalidade. Conforme será interpretado em alguns textos referentes ao descobrimento e conquista da América, essa vertente “orientalista” do discurso androcêntrico ocidental, transferido agora para o Novo Mundo, tal como no seu modelo oriental, “becomes involved with metaphors of eroticized scrutiny, penetration, and consummation” [torna-se envolvido com metáforas de escrutínio erótico, penetração e consumo] (SHOHAT, 1994, p. 146). Nesse caso, conforme comenta Jordanova, uma paisagem freudiana comanda “a masculine viewer [...] anticipating the full knowledge of nature [...] presented as the naked female body” [um observador masculino [...] antecipando o conhecimento completo da natureza [...] apresentada como um corpo feminino nu] (citado em SHOHAT 1994, p. 149-150).

No contexto americano, um exemplo clássico dessa atitude de posse de geografias mundonovistas, metaforicamente feminilizadas pela percepção masculinista do conquistador europeu, é a conhecida gravura de Theodor Galle (ca. 1580) que, baseada num desenho de Jan van der Straet (ca. de 1575), representa o encontro da América por

Américo Vespúcio (fig. 1). Fundamentado numa figuração de relações assimétricas de poder, esse encontro combina imagens de desejo e de apetência pela realidade natural e sensual indígena com imagens de repulsão pelo perigo selvagem e ameaçador que essa mesma realidade representa. Todavia, essa representação é androcêntrica e cultural, na medida em que a naturalidade dessa América feminina, ambivalentemente atraente e repulsiva, hierarquicamente se subalternaliza diante da superioridade civilizacional e sexual do conquistador europeu, cumprindo-se aqui aquela necessidade de permanência política da ética androcêntrica de conquista tão cara ao imaginário cultural do homem ocidental.

A gravura de Galle personifica a América por meio da representação do gênero ao destacar, em primeiro plano, uma sensual aborígene nua que, reclinada em sua rede nativa, recebe, num gesto de surpreendida espera, o aventureiro europeu representado por Américo Vespúcio. O conquistador, apesar da sua postura hierática, usufrui, ainda que pelo olhar perscrutador, de uma paisagem americana extremamente sensorial, atraente pela sua mobilidade, variedade e estranheza natural. Uma América essencialmente biológica, bastante sensível na expressão dos seus instintos e apetites, onde a atração sensual do nu corporal casa-se com a sensoriedade carnal da prática culinária do canibalismo primitivo. Essa espécie de crudeza exótica semantiza-se por ser erótica ao penetrante olhar do conquistador ávido de estímulos saciadores da sua percepção. Entretanto, ele ostenta uma postura buscada em modelos morais que representam a patriarcalidade européia, não só em termos seculares mas também espirituais. Assim é que, protocolarmente vestido, exibe à indígena expectante, na sua mão esquerda, os mais recentes instrumentos da sua tecnologia navegatória, enquanto, na mão direita, segura o estandarte da conquista coroado com a cruz crística da tradição cruzadística. A espada que carrega na cintura e o seu olhar perscrutador simbolicamente aguardam o “excitamento” civilizacional e objetificante prometido, no moto latino inscrito na parte inferior da gravura, a uma natural, indolente e desnuda América: “Americen Americus retexit, & Semel vocavit inde semper excitam” [Américo despertou a América e dessa forma chamada ficou daí em diante sempre desperta] (fig. 1). Toda essa representação pictórica relembra o que Berger (1997, p. 54) comenta acerca da topologia da nudificação do corpo como estratégia para a sua objetificação e posse.



Fig. 1: América, ca. 1580.

Gravura em metal (18,2 x 27 cm) de Theodor Galle baseada num desenho de Jan van der Straet (ca. 1575). Parte de uma compilação de gravuras antigas encadernadas no século XVII sob o título de *Recueil Factice. Historiques. Amérique. Tomo Unique*, 1638. Bibliotheque Mazarine, Paris, França.

Representações de descobrimento e conquista mundonovista como essa de Galle apoiam-se pesadamente em maniqueísmos morais de um hegemônico discurso europeu, o qual, desde a tradição misógina da antiguidade clássica perpetuada pelas especulações filosóficas e religiosas do período medieval e renascentista, se fundamenta numa lógica de oposições binárias formada a partir de uma posição de centralidade social e cultural subsumida à identidade sexual do masculino. Característica dessa lógica masculinista é a promoção de uma ética de subordinação e exclusão do outro tropologicamente feminilizado, violentando, dessa forma, a sua identidade e autoctonia. Em termos espaciais, observa-se aqui a busca metafórica e simbólica do imaginário cultural europeu, androcentricamente representado, por um centro, um numinoso *locus* de racionalidade a superpor-se a uma nebulosa e caótica periferia física e humana “projected as the tangled sides of violent impulse and anarchic lust” [projetada como lados tangíveis de uma violenta e anárquica luxúria] (SHOHAT, 1994, p. 141).

No contexto dos descobrimentos e conquista verificados tanto em direção ao Oriente como em direção à América, essa lógica de oposições hierárquicas entre o europeu e o seu outro alienígena torna-se sustentada por binarismos morais de natureza sexual, ligando o colonizado impuro e histórico “to eroticized geographies of the ‘virgen land’, to the projective imaginary of the ‘dark continents’, to exotically ‘veiled’ territories, and to symbolic fantasies of rape and rescue” [a geografias erotizadas da ‘terra virgem’, ao imaginário projetivo de ‘continentes de trevas’, a territórios ‘encobertos’, e a fantasias simbólicas de estupro e resgate] (SHOHAT, 1994, p. 141).

Com relação à América, essa tropologização da sua realidade natural e etnográfica, tendenciosamente orientada por uma política sexual falocêntrica, tornou-se um verdadeiro veículo para a argumentação e para a retórica do discurso não só do descobrimento e da conquista mas também da colonização. A inter-relação dessa tropologia da sexualização americana com outras tropologias dela derivadas, presente num discurso que se pretendeu eminentemente histórico, comprova ainda o que Hayden White (1992, p. 2) discute acerca da importância dos tropos nesse tipo de discurso, sem os quais ele “cannot do its work or achieve its end” [não pode realizar o seu trabalho nem conseguir a sua finalidade].

A América, assim reduzida ao feminino pintado com traços misóginos para indicar a sua inferioridade, figuraliza-se então com recurso a outras tropologias, como por exemplo a da animalização. Aqui, as táticas retóricas do discurso colonialista buscam delimitar e objetificar nos termos da bestialidade, por inspiração de temas e motivos buscados à antiga literatura de viagens e à tradição dos livros bestiários, não só o sujeito colonial feminino mas também o seu consorte masculino. É nesse sentido que Frantz Fanon observa que o colonizador da América, quando preocupado em descrever “the native fully in exact terms he constantly refers to the bestiary” [o nativo, de maneira completa e com termos exatos, ele constantemente se refere ao bestiário] (FANON, 1963, p. 41-43).

Reconhecendo a impossibilidade teológica de que as novas terras virgens tenham sido anteriormente povoadas por outros Adãos e Evas, os cronistas da América rapidamente empregam estratégias promocionais orientadas pelas fatais polaridades de um debate androcêntrico e patriarcal. Dessa forma, as vertentes misóginas e racistas do discurso da conquista e ocupação americana multiplicam os seus efeitos, atingindo os seus objetivos através do tropo da feminilização vinculado não só ao da animalização mas também às suas analogias com o discurso da fertilidade, no qual a apropriação e consumo da fecunda mãe-América ironicamente anunciam a sua sujeição e o seu conseqüente aniquilamento físico e cultural. Nesse sentido, Shohat (1994, p. 137) observa que

animalization forms part of the large, more diffuse mechanism of naturalization: the reduction of the cultural to biological, the tendency to associate the colonized with the vegetative and the instinctual rather than with the learned and the cultural [...] Colonized people are projected as body rather than mind, much as the colonized world is seen as raw material rather than mental activity and manufacture. [Animalização é uma parte do mais amplo, mais difuso mecanismo da naturalização: a redução do cultural ao biológico, a tendência para associar o colonizado antes ao vegetativo e ao instintivo do que ao instruído e ao cultural [...] Os povos colonizados são projetados mais como corpo do que como mente, da mesma forma que o mundo colonizado é visto mais como material cru do que como atividade mental e manufaturação.]

Nesse discurso da conquista e ocupação americana, o esquema tropológico da feminilização da realidade mundonovista, em curto-circuito

semântico com o da naturalização e o da animalização, produz, no campo etnográfico, ainda outra tropologia: a da infantilização, através da qual

women and men from primitive races are depicted as children in comparison to evolved adults of civilized races. This image justified a kind of race and gender paternalism in which all women and some races of men needed the guidance and control of 'superior' males. [As mulheres e os homens das raças primitivas são tomados como crianças em comparação com os adultos evoluídos das raças civilizadas. Essa imagem justificou um tipo de paternalismo de raça e gênero, no qual todas as mulheres e algumas raças de homens precisavam da orientação e do controle dos homens superiores]. (TUANA, 1993, p. 38)

Entretanto, para o conquistador europeu, portador de um complexo psicossocial e cultural patriarcalista, hegemônico e ancestralmente misógino, todo esse conjunto de tropos correlacionados subsume-se à tropologia da naturalização enquanto feminilização, na medida em que o natural é visto como possuidor de defeitos e qualidades próprios do princípio feminino. Aqui, os imperativos éticos e morais do domínio androeurocêntrico se constroem nos limites de uma verdadeira ambivalência, a mesma ambivalência religiosa e secularmente utilizada, desde a tradição medieval tardia, para idealizar o feminino como uma “perfeição paradoxal”, na medida em que o seu ser moral se encontra dependente da regência concomitante do bem e do mal (BLOCH, 1995, p. 180-206).

Essa oscilação do feminino, enquanto transferida para a retratação da natureza e da etnografia mundovista em termos de fecundidade proveitosa ou de esterilidade inservível, instrui grande parte do discurso do gênero cronístico sobre a América dos tempos da sua conquista e ocupação inicial. Assim é que, em termos conotadores da sensoriedade, sensualidade ou sexualidade, a fecundidade e a fertilidade da sua natureza virgem e materna provoca um discurso europeu eufórico e triunfalista, o qual se transforma em disfórico e cético quando essa face benfazeja da América cede lugar ou convive com uma outra face sua, hostil, pernicioso e perversa. Em termos etnográficos, essa problemática ambivalente enfoca a ameríndia ora como *boutade* física e moralmente apreciável, ora como ser responsável pelo grotesco, imoral e destruidor.

Essa oscilação do discurso do gênero, referida à tropologização da América enquanto regência feminina do natural, já comparece no que pode ser considerado como discurso protocolonista, isto é, nos primeiros escritos e representações iconográficas da realidade americana. Nesses registros, a exótica ameríndia é apreciada, enquanto objeto erótico, por sua perfeição corporal referida à sua boa compostura genital e por sua ingenuidade e isenção de malícia na sua exposição do seu sexo e no seu comportamento sexual. Nesse caso incluem-se as seguintes descrições que Pero Vaz de Caminha faz das brasilíndias na sua Carta de “descobrimento” do Brasil, datada em 1500:

Aly andavam antr eles tres ou quatro moças bem moças e bem jentijs, com cabelos mujto pretos comprjdos pelas espadoas, e suas vergonhas tão altas e tam çaradinhas, e tam limpas das cabeleiras, que de as nos mujto bem olharmos nom tijnhamos nenhuua vergonha. [Ali andavam entre eles três ou quatro moças e bem gentis, com cabelos muito pretos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas, e tão limpas das cabeleiras, que de as muito nós bem olharmos não tínhamos vergonha nenhuma].

E, mais adiante, acrescenta:

E huua d aquellas moças era toda timta de fundo a cima daquella tintura, a qual certo eram tam bem feita e tam rredonda, e sua vergonha que ela nom tjnha, tam graciosa, que a mujtas molheres de nossa terra, veendo lhe taaes feiçoees fereza vergonha, por nom terem a sua com eela. [E uma daquelas moças era toda tinta de fundo acima daquela tintura, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições faria vergonha, por não terem a sua como ela]. (CAMINHA, 1994, p. 131)

De maneira semelhante a Caminha, Sir Walter Raleigh, em *A voyage for the discovery of Guiana* [*Uma viagem para o descobrimento da Guiana*] (1595), metaforiza o território descoberto com imagens da inteireza e da modéstia genital, quando comenta que “Guiana is a country that has yet her maidenhood” [Guiana é um território que ainda tem a sua virgindade] (citado em LUNENFELD, 1991, p. 234). Por outro lado, bastante diferente dessa apreciação positiva da nativa americana é a seguinte descrição que Michele da Cuneo, um dos

tripulantes de uma das viagens de Colombo ao Novo Mundo, faz de uma índia caribenha em carta endereçada a um amigo seu. Aqui o exótico-enquanto-erótico difere do de Caminha, na medida em que suscita a violência sádica marcada por discriminações morais. O cronista indulge-se a exercitar os seus instintos sexuais, numa situação de verdadeiro estrupo, com uma aborígine que se defende, com unhas e gritos, como uma fera fêmea:

I wanted to put my desire into execution but she did not want it and treated me with her finger nails in such a manner that I wished I had never begun. But seeing that (to tell you the end of it all), I took a rope and thrashed her well for which she raised such unheard of screams that you would not have believed your ears. Finally we came to na agreement in such manner that I can tell you that she seemed to have been brought up in a school of harlots. [Eu queria colocar o meu desejo em ação mas ela não queria e tratou-me com suas unhas de tal maneira que eu desejei nunca ter começado. Mas vendo isso (para contar a você o fim de tudo), eu peguei uma corda e a amarrei bem, com o que ela emitiu gritos de tal maneira que você não teria acreditado nos seus ouvidos. Finalmente nós chegamos a um acordo tal que eu posso dizer a você que ela parecia ter crescido numa escola de prostitutas]. (citado em SALE, 1991, p. 140)

Entretanto, e paradoxalmente, essas apreciações ora positivas, ora negativas da ameríndia, ocorrem, às vezes, por autoria de um mesmo cronista, evidenciando aquele paradoxo da perfeição feminina, em que se encontram misturados, de acordo com o complexo psicosssexual androcêntrico do conquistador europeu, a apreciação e a atração pelo feminino concomitante com a sua repulsa femifóbica. É o que acontece na seguinte descrição que o suposto pseudo-Vespúcio faz numa carta que endereça a Piero Soderini. Inicialmente comenta que as ameríndias são pessoas aprazíveis, de boas proporções corporais, modestas na exposição do seu sexo descoberto, raramente de seios caídos ou de ventre deformado pelos frequentes partos, hospitaleiras e liberais no oferecimento do seu sexo aos visitantes (citado em LUNENFELD, 1991, p. 282-839). Já em outra carta, considerada de autoria do verdadeiro Vespúcio, endereçada a Francesco de Medici, aquele tom de aprazibilidade muda, quando a virtuosa ameríndia brutaliza-se por seus animaiscos instintos

libidinosos e por sua grotesca imoralidade sexual. Aqui, ao comentar sobre os costumes dos indígenas, diz que um deles era completamente vergonhoso, qual seja, o das mulheres,

being very libidinous, make the penis of their husbands swell to such a size as to appear deformed; and this is accomplished by a certain artifice, being the bite of some poisonous animal, and by reason of this many lose their virile organ and remain eunuchs. [sendo muito libidinosas, fazerem o pênis de seus esposos incharem a um tal tamanho que pareciam deformados; e isso é conseguido por um certo artifício, sendo a picada de um certo animal venenoso, e em razão disso muitos perdem o seu órgão viril e tornam-se eunucos]. (citado em MONTROSE, 1992, p. 144)

O curioso é que esse mesmo artifício, relatado por Vespúcio para retratar a sexualidade mórbida da ameríndia, seria, mais de meio século depois, também empregado, com um tom mais carregado de censura moral etnocêntrica do que o do humanista Vespúcio, pelo cronista brasileiro Gabriel Soares de Sousa em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, no capítulo “Que trata da luxúria destes bárbaros” (SOUZA, 1987, p. 308-309).

Por um interessante curto-circuito ligando o regime alimentar canibalista, no qual a participação da brasilíndia era de suma importância, com o regime sexual também entregue, conforme se verificou acima, à sua gestão emasculadora, é de se verificar uma conformação da imagem da nativa com aquela tradicional imagem clássica da mulher como devoradora do homem, a qual, no período medieval, recebeu a misógina conotação sexual conhecida por *vagina dentata* (WALKER, 1988, p. 328).

Embora todas essas imagens relativas à aprazível ou à repugnante imagem do feminino enquanto natural difiram em detalhes, todas elas mostram, apesar das suas contrariedades, aquela inarredável tendência masculina para a perscrutação da natureza como mulher; tendência essa marcada pelas mais diversas intenções políticas e promocionais. Nesse sentido,

the impetus of discovery [...] of uncovering and mining the hidden treasures of earth, and of rhetorical ‘display’ or opening up to the view, all intersect in the gendered language of showing forth to the

eyes, of exposing what was hidden in the womb of a feminized Nature. [o ímpeto da descoberta [...] de descobrir e minerar os escondidos tesouros da terra, do *display* retórico ou do abrir à mirada, tudo isso intersecciona-se na linguagem do gênero para mostrar aos olhos, expor o que estava escondido no ventre de uma Natureza feminilizada. (PARKER, 1987, p. 142)

Assim, operacionalizando toda essa problemática no contexto das descobertas e conquista da América, encontram-se as estratégias do discurso do gênero que, com recorrência às várias tropologias anteriormente apontadas, constituiu uma importante parte da argumentação retórica através da qual uma ordem política sexual serviu não só ao imaginário mas também à ideologia do colonizador europeu, mostrando que o seu poder dependeu, em grande parte, da maneira como o gênero foi, e ainda é, recondando-se aqui o dizer de Catherine MacKinnon, “imposed by force” [imposto por força] (MACKINNON, 1987, p. 32).

ABSTRACT

Through the perspective of feminist criticism, this study examines some aspects of the representation of the feminine image as well as its tropological process of feminilization. Being this phenomenon characteristic of the European patriarchal discourse, it is strategically found in the first texts that registered the discovery and conquest of America. The study still aims to make clear that, in that type of discourse representing the American reality, some figuralities and the manipulation of a forged image of the Amerindian, as the sexual other, were based on symbolic and ideological constructions which in an argumentative and rhetorical manner aimed to preserve a sexual politics. Such formations came to correspond to a socio-cultural and historical complex which, finally, had as its goal to maintain philosophical and pragmatic prerogatives of the androcentric hegemony characteristic of the dominant European male mentality. Forming a part of his civilizational tradition, this mentality was disseminated also in the modern times.

KEY WORDS: Discovery and conquest, gender discourse, rhetoric and sexual politics.

REFERÊNCIAS

BERGER, John. *Ways of seeing*. London: BBC Penguin, 1997.

- BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Tradução de Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de Pero Vaz de Caminha. In: CORTESÃO, Jaime. *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- CUDDON, J. A. *The Penguin dictionary of literary terms and literary theory*. New York: Penguin Books, 1992.
- FANON, Frantz. *The wretched of the earth*. Trans. Constance Farrington. New York: Grove Press, 1963.
- KAPLAN, Cora. *Sea changes: culture and feminism*. London: Verso, 1986.
- LUNENFELD, Marvin. *1492: discovery, invasion, and encounter: sources and interpretations*. Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Company, 1991.
- MACKINNON, Catherine. *Feminism unmodified*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- MONTROSE, Louis. The work of gender and sexuality in the Elizabethan discourse of discovery. In: STANTON, Donna C. (Ed.), *Discourses of sexuality: from Aristotle to Aids*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.
- PARKER, Patricia. *Literary fat ladies: rhetoric, gender, property*. London: Methen; 1987.
- RUTHVEN, K. K. *Feminist literary studies: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- SALE, Kirkpatrick. *The conquest of paradise: Christopher Columbus and the Columbian legacy*. New York: Plume, 1991.
- SHAPIRO, Judith. Anthropology and the study of gender. In: GOVE, Elizabeth et al. *Feminist perspective in the academy*. Chicago: Chicago University Press, 1981.
- SHOHAT, Ella; STAMM, Robert. *Unthinking eurocentrism: multiculturalism and the media*. New York: Routledge, 1994.
- SHOWALTER, Elaine. *Speaking of gender*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1989.
- SOSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- TUANA, Nancy. *The less noble sex: scientific, religious, and philosophical conceptions of woman's nature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

WALKER, Barbara. *The woman's dictionary of symbols and sacred objects*. San Francisco: Harper & Row, 1988.

WHITE, Hayden. *Tropics of discourse: essays in cultural criticism*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1992.